



Crise em Jerusalém

# Maior manifestação desde o início da guerra pede a renúncia de Netanyahu

— Pressionado pelos protestos de rua, primeiro-ministro afirma que convocação de um novo processo eleitoral em Israel seria um presente para os terroristas do Hamas

TEL-AVIV

Mais de 100 mil pessoas, segundo os organizadores, se reuniram ontem diante do Parlamento de Israel, pelo segundo dia consecutivo, para protestar contra o governo do primeiro-ministro, Binyamin Netanyahu, e pedir novas eleições — a maior manifestação no país desde os ataques do Hamas em 7 de outubro. O premiê reagiu, dizendo que a convocação de um novo processo eleitoral seria um presente para o Hamas.

“A realização de eleições neste momento, no auge da guerra, a um passo da vitória, paralisaria Israel por pelo menos seis meses”, disse Netanyahu, em um discurso de dentro do Parlamento, em Jerusalém. “É o primeiro que celebraria seria o Hamas.”

Imediatamente após a declaração do premiê, o maior líder da oposição, Yair Lapid, rebateu, falando para a multidão do lado de fora do Parlamento. “Uma nova eleição não paralisaria Israel, porque Israel já está paralisado”, disse. “A guerra com o Hamas está paralisada, o acordo para a libertação dos reféns está paralisado, o norte de Israel está paralisado. A única coisa que o Hamas pode celebrar é a continuidade deste governo desastroso.”

No fim de semana, protestos também foram registrados em Tel-Aviv, Cesarea, Raanana e Herzliya. A maior concentração, no entanto, foi em Jerusalém, que teve ruas bloqueadas ao som de apitos, buzinas, tambores e cantos contra o governo. Os manifestantes culpam o premiê pelo ataque do Hamas e pela falta de acordo para libertação dos reféns — pela primeira vez, parentes dos sequestrados se juntaram aos protestos.

“Chegou o momento de sair para lutar contra a indiferença e pela vida. Eu peço que saiam às ruas ao nosso lado e façam ouvir uma voz unida e clara. Tragam eles para casa agora”, disse Shira Elbag, que teve a filha Liri, de 19 anos, sequestrada em 7 de outubro.

**FÉRIAS.** Muitos manifestantes reclamavam do recesso parlamentar de 7 de abril a 19 de maio, aprovado na semana pas-



Protesto contra Netanyahu diante do Parlamento de Israel, em Jerusalém: insatisfação com a falta de acordo para libertação dos reféns

**“A realização de eleições neste momento, no auge da guerra, a um passo da vitória, paralisaria Israel por pelo menos seis meses”**

**Binyamin Netanyahu**  
Primeiro-ministro de Israel

**“Uma nova eleição não paralisaria Israel, porque Israel já está paralisado”**

**Yair Lapid**  
Líder da oposição

protestos estão o grupo Brothers in Arms, de veteranos de guerra, e a Kaplan Force, uma das maiores organizações de ativistas de Israel. A polícia disse que, embora as manifestações do fim de semana tenham sido em grande parte pacíficas, muitos haviam violado as leis de segurança ao acenderem fogueiras, bloquearem rodovias e confrontarem os policiais — ao todo, 16 pessoas foram presas.

Na cidade costeira de Cesarea, os manifestantes desafiaram as barreiras policiais e marcharam em direção à casa de Netanyahu, gritando palavras de ordem contra o governo: “Não há perdão para o anjo da destruição” e “Não há perdão para o fracasso e o abandono”.

**DESGASTE.** Os quase seis meses de guerra ampliaram as divisões na sociedade israelense. O Hamas matou cerca de 1,2 mil pessoas no ataque de 7 de outubro e fez 250 reféns. Cerca de metade deles foi libertada durante um cessar-fogo em novembro, mas diversas outras tentativas de mediadores internacionais para outro acordo falharam.

Netanyahu prometeu des-

truir o Hamas e trazer todos os reféns para casa. Mas esses objetivos parecem cada vez mais ilusórios. Embora os militantes palestinos tenham sofrido grandes perdas, o grupo permanece ativo e as famílias dos sequestrados acreditam que a janela para a libertação dos reféns esteja se fechando.

**CRISE POLÍTICA.** Netanyahu enfrenta uma grave crise política. A coalizão de governo, entre nacionalistas de extrema direita e religiosos, está rachada por causa da obrigatoriedade do serviço militar para os judeus ultraortodoxos.

Desde a criação de Israel, os ultraortodoxos são isentos do serviço militar. Com o tempo, os jovens religiosos passaram a ganhar um subsídio do Estado para passar a idade militar estudando a Torá. A discussão sobre a igualdade do recrutamento é antiga, mas ganhou força com a guerra em Gaza.

Os nacionalistas da coalizão, como o ministro da Defesa, Yoav Gallant, e o ministro das Finanças, Bezalel Smotrich, defendem o recrutamento universal. “Precisamos de novos braços imediatamente”, disse Gallant. “É uma questão de matemática, não de política.”

Os religiosos, no entanto, são contra e ameaçam abandonar o governo se o recrutamento obrigatório começar a valer. Na semana passada, o rabino-chefe sefardita, Yitzhak Yosef, disse que os ultraortodoxos deixariam Israel em massa se a isenção não fosse renovada. Alguns queimaram bandeiras israelenses durante os protestos contra o governo no fim de semana.

Se os religiosos se retiram da coalizão, novas eleições terão de ser convocadas. Como a popularidade de Netanyahu anda no chão — 28% aprovam seu governo durante a guerra, segundo pesquisa do Israel Democracy Institute, divulgada na semana passada —, dificilmente o premiê seria reeleito.

**CIRURGIA.** Ontem, Netanyahu, de 74 anos, foi submetido a uma anestesia geral para uma cirurgia de hérnia no Hospital Hadassah Ein Kerem, em Jerusalém. Os médicos descobriram o problema durante um exame de rotina no sábado, mas não informaram onde ela foi encontrada. O ministro da Justiça, Yariv Levin, vice-premiê, assumiu as funções de governo. ● AP, NYT e EFE